

# A HISTERIA E O GÓTICO FEMININO EM TRADUÇÃO: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA ADAPTAÇÃO FÍLMICA DE LE BAL DES FOLLES, DE VICTORIA MAS, PARA O CINEMA

Vitória de Lima Sales

Emílio Soares Ribeiro

UERN; Campus Mossoró; vitoria.lsales@outlook.com



## INTRODUÇÃO

O romance *Le Bal des Folles*, da escritora francesa Victoria Mas, lançado em 2019, é ambientado na França do século XIX, e narra a história de Eugénie, uma jovem, que, tendo poderes mediúnicos, é internada por seu pai e irmão no hospital neurológico La Salpêtrière. Em 2021, o romance de Mas foi traduzido para o cinema em um filme homônimo, produzido pela Amazon e dirigido por Mélanie Laurent. A adaptação desvela a discrepância de poder entre os gêneros ao retratar o apagamento das individualidades femininas e a opressão a que eram submetidas mulheres consideradas históricas. A pesquisa aborda como os aspectos que caracterizam o romance *Le Bal des Folles*, entre eles o papel da mulher, a histeria, a crítica social e os elementos góticos (a loucura, a opressão e o medo), dialogam com a época retratada pela obra, e como a condição da mulher e sua vulnerabilidade, retratadas no livro e no filme, dialogam com o papel feminino no século XXI.

## METODOLOGIA/REFERENCIAL

O presente estudo consistiu em pesquisa qualitativa, de caráter analítico-descritivo e incluiu as seguintes etapas de execução:

Partiu-se do pressuposto de que as análises de adaptações fílmicas enquanto traduções passam a observar o papel do intérprete e as reconstruções e criações promovidas tanto pelas estratégias e recursos do cinema quanto pelo novo contexto de produção e recepção. Realizou-se a leitura e discussão das teorias de tradução com enfoque no processo tradutório, a partir de estudos de autoras como Arrojo (2003), Rodrigues (2000) e Vieira (1996).

Posteriormente, para compreender a natureza da literatura gótica, fizemos estudos na área, mais especificamente sobre a literatura de Victoria Mas e sobre a representação feminina na ficção de terror, a partir de autores como Hogle (2002) e Punter & Byron (2004). Mais especificamente, revisitamos importantes autoras do gótico feminino, entre elas Moers (1976) e Wallace e Smith (2009).

Fizemos a leitura do romance *Le Bal des Folles* (2019), Victoria Mas, a partir da qual foi feita a análise dos aspectos constituintes da chamada literatura gótica, com ênfase em elementos como as políticas de apagamento da mulher, a opressão, o papel do vilão monstruoso, a histeria e o *locus horribilis* enquanto espaço da ficção de terror. A pesquisa também se voltou para a investigação acerca de como tais aspectos do romance de Mas dialogam com o seu contexto de produção.

Antes de iniciarmos as análises fílmicas, fizemos a leitura e discussão de estudos acerca dos recursos e estratégias do cinema, fundamentadas em teóricos da linguagem fílmica, como Martin (2005) e Costa (2003). Em relação à adaptação *Le Bal des Folles* (2019), dirigida por Mélanie Laurent, investigamos os processos pelos quais os signos tradutórios são construídos na tela do cinema de modo a representar tanto os aspectos góticos da obra literária, entre eles, a opressão, o papel do vilão monstruoso, a histeria e o *locus horribilis* enquanto espaço da ficção de horror, e a própria condição social de apagamento da mulher no século XIX, associando-o à contemporaneidade. Através de análise acerca do diálogo entre os materiais literário e fílmico, investigamos como a adaptação fílmica traduz a literatura gótica da obra homônima de Victoria Mas e a crítica social que esta apresenta.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

De início, observamos que na obra literária a extensão do conceito de loucura, quando associado ao feminino, pode variar entre a existência de sintomas clinicamente relevantes e a simples recusa em exercer funções que perpetuem a crença na superioridade masculina. Essa concepção foi traduzida na adaptação fílmica e é especialmente perceptível ao observarmos as personagens Eugénie e Louise. A primeira foi internada por seu pai sem que apresentasse sintomas clínicos justificantes, já a segunda sofre frequentes convulsões e é atormentada por um passado traumático de violência sexual, que implica, por vezes, em um comportamento errático. Ambas as mulheres são submetidas a tratamentos agressivos e vigilância severa, sem que para isso tenham sido traçados critérios objetivos de aplicação.

O romance aborda a forma como diagnósticos de histeria e degeneração são atribuídos aos comportamentos femininos destoantes da moral vigente, e tornam-se justificativa para atentados à autodeterminação feminina e internações compulsórias. O sanatório, com isso, se torna o espaço do horror, não necessariamente por ter uma composição espacial lúgubre ou melancólica, mas por ser um local de aprisionamento e por abrigar abusos e violências cometidos contra as mulheres ali internadas.

O patriarcado exerce, portanto, o papel de vilão de monstruoso que constantemente ameaça a protagonista, permeando relações familiares, sociais e institucionais. A opressão é exercida por homens em posições de poder que utilizam de diversos mecanismos para conter as manifestações de vontade femininas e o exercício da liberdade pelas mulheres.

Na adaptação, assim como no romance, o pai de Eugénie utiliza a internação como forma de livrar-se da filha, que ele considera um problema vergonhoso para a família. Os médicos, de seu lugar de autoridade inquestionável, ignoram as súplicas das pacientes e infligem a elas situações violentas e humilhantes, inclusive exibindo essas mulheres de forma cômica em um baile anual. A sociedade, por sua vez, representada pelos homens da burguesia parisiense convidados para o baile, caçoa, abusa e desmoraliza as internas, tornando-as atrações em um show de horrores.

A utilização, no romance, de espaços reais, como o Hospital de la Salpêtrière, e de figuras históricas, como o neurologista Jean-Martin Charcot, na composição do romance e da adaptação fílmica, contribuem para a elaboração do diálogo entre os eventos fictícios e a realidade. A partir deles, é possível a compreensão de que os abusos sofridos pela personagem Eugénie são reflexos de situações experienciadas por mulheres reais, durante o contexto histórico retratado no enredo.



Figura 1 – Pôster do filme  
Fonte: IMDb (2021).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos pontos apresentados, concluímos que a adaptação fílmica de *Le Bal des Folles*, de Victoria Mas, sustenta um diálogo entre as vivências da protagonista da obra, passadas no século XIX e a experiência feminina do XXI, especialmente, ao retratar a presença da figura tirânica patriarcal que cerca a protagonista.

Como no século XIX, as mulheres ainda hoje são privadas de liberdade e, ao explicitarem seus desejos, são julgadas como loucas e têm seu poder de decisão e capacidade de agenciar suas vidas questionados.

Por estes motivos, as obras analisadas constituem relevante fonte de discussão acerca da disponibilidade do corpo feminino, da liberdade da mulher, e dos mecanismos utilizados pelo patriarcado para a manutenção do poderio masculino.

## REFERÊNCIAS

ARROJO, ROSEMARY (Org.). **O SIGNO DESCONSTRUÍDO: IMPLICAÇÕES PARA A TRADUÇÃO, A LEITURA E O ENSINO**. 2. ed. CAMPINAS: PONTES, 2003. 121 p.

COSTA, ANTONIO. **COMPREENDER O CINEMA**. 3. ed. TRADUÇÃO DE: NILSON MOULIN LOUZADA. SÃO PAULO: GLOBO, 2003.

HOGLE, JERROLD E. INTRODUCTION: THE GOTHIC IN WESTERN CULTURE. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). **THE CAMBRIDGE COMPANION TO GOTHIC FICTION**. CAMBRIDGE: CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2002.

MARTIN, MARCEL. **A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA**. TRADUÇÃO DE LAURO ANTÔNIO E MARIA EDUARDA COLARES. LISBOA: DINALIVRO, 2005.

MAS, VICTORIA. **O BAILE DAS LOUCAS**. TRADUÇÃO DE CAROLINA SELVATICI. CAMPINAS: VERUS, 2021.

MOERS, ELLEN. **LITERARY WOMEN**. NEW YORK: DOUBLEDAY & COMPANY, 1976.

PUNTER, D. & BYRON, G. **THE GOTHIC**. U.S.A.: BLACKWELL PUBLISHING, 2004.

RODRIGUES, CRISTINA CARNEIRO. **TRADUÇÃO E DIFERENÇA**. SÃO PAULO: EDITORA UNESP, 2000. 237 p.

VIEIRA, ELSE RIBEIRO PIRES (Org.). **TEORIZANDO E CONTEXTUALIZANDO A TRADUÇÃO**. BELO HORIZONTE: FACULDADE DE LETRAS DA UFMG, 1996. 280 p. TRADUÇÃO: RESUMOS E RESENHAS. I. VIEIRA, ELSE RIBEIRO PIRES.

WALLACE, DIANA; SMITH, ANDREW. **THE FEMALE GOTHIC: NEW DIRECTIONS**. LONDON: PALGRAVE MACMILLAN, 2009.